

Falemos de Território



O território e o comportamento dos nossos cães

Entre os nossos companheiros de quatro patas, o território é mais do que espaço físico: é palco de sobrevivência, de hierarquia e de identidade. Os comportamentos ligados ao sexo tornam-se particularmente evidentes quando o cão se encontra dentro dos seus limites. O macho, em regra, revela maior agressividade territorial; a fêmea, por sua vez, demonstra maior capacidade de organização. Já os cachorros só encontram verdadeira segurança quando protegidos pelo perímetro que reconhecem como lar.

Antes de mergulharmos nas diferenças entre machos e fêmeas, convém refletir sobre esse bem tão precioso: o **território**.

Podemos defini-lo como a extensão de terreno onde se desenrola a vida do cão — alimentação, reprodução, defesa e aprendizagem. É aí que os machos assumem o papel de “senhores feudais” da matilha, embora subordinados ao homem. É aí que as fêmeas dão à luz, cuidam dos seus filhotes e os ensinam a viver em hierarquia, até chegarem ao cortejo e à cópula.

No território, todos se alimentam, acedem a recursos, evitam doenças e ataques, e se protegem da predação. Em ambiente selvagem, apenas uma minoria — cerca de 20% — ultrapassa a fase juvenil. Eis porque é vital que machos e fêmeas tenham o seu espaço bem definido. Não será semelhante à nossa própria necessidade? Em Portugal diz-se: “*a casa de um homem é o seu castelo*”. Também nós trabalhamos para trazer recursos, defendemos o lar com leis ou com unhas e dentes, e acreditamos que “*a nossa casa é o nosso mundo*”. Não é exatamente isso que pensam os cães?

Por que motivo os machos levantam a pata e as fêmeas urinam agachadas?

O macho territorial ergue “muros e portões” invisíveis. Sem tijolos nem cimento, recorre às feromonas para marcar os limites da sua propriedade. É tão zeloso que regista, como em cartório, tudo o que considera seu.



Há cães tão possessivos que chegam a marcar até uma bicicleta nova. Recordo a história contada pelo meu professor de Etologia:

“Cansado dessa obsessão, levei o cão a um canto do jardim e, mostrando-lhe uma pequena laranjeira recém-comprada pela minha esposa, urinei sobre o vaso. Quando ele tentou marcá-lo também, deixei claro, no seu próprio idioma, que aquela árvore era minha. O animal aceitou contrariado, mas aprendeu que não devia marcar na minha presença. Hoje, observa ansioso qualquer objeto novo colocado no jardim e, se eu não o marcar, fá-lo ele próprio passado algum tempo.”

As fêmeas, em contrapartida, sentem menor necessidade de marcar, sobretudo quando subordinadas aos machos. Curiosamente, nas hienas, a liderança do clã pertence sempre a uma fêmea. A seleção natural favoreceu o aparecimento de um “falso pénis”, permitindo-lhe marcar território e exercer autoridade. Aqui, o comportamento está mais ligado ao estatuto social do indivíduo do que ao sexo.

Hierarquia e carácter

Um tutor certa vez lamentava que o seu cão de dois anos ainda urinasse agachado, interpretando isso como falta de carácter para funções de guarda. Ao visitar a moradia, descobri uma fêmea mais velha e dominante que barrava a entrada, enquanto o macho permanecia passivo. Expliquei que a líder era a fêmea e que o macho só desenvolveria o seu carácter definitivo se fosse separado dela. Dois meses depois, já noutra casa e com novos tutores, o macho defendia o lar com tanto vigor quanto a fêmea defendia o seu.

Machos num apartamento

Os limites territoriais são sempre os mais protegidos. No Congresso Ibero-americano de Etologia, foi apresentada uma investigação sobre os lobos da Serra Morena, que marcam com fezes e urina os caminhos que delimitam o seu território. Nos machos que vivem em apartamento, o ponto mais vigiado é a porta de saída, por onde pode ocorrer uma invasão. Nessas situações de stress, urinar contra a porta não é anomalia, mas resposta etológica natural.

Defendendo o carro

Deixar um cão sozinho dentro de um automóvel é despertar nele uma agressividade territorial intensa. A proximidade de estranhos gera insegurança e stress, levando-o a guardar o carro com mais ferocidade do que a própria casa. Por isso, nunca é seguro permitir que alguém — nem mesmo crianças — tente entrar no veículo.

Por que as fêmeas se tornam “mineiras”?

Escavar túneis no jardim é hábito comum nas fêmeas, sobretudo a partir dos seis meses. Muitos tutores julgam ser comportamento anormal, mas trata-se de instinto: ensaiam a construção de tocas. O jardim pode sofrer, mas é apenas treino. Com o tempo, constroem tocas pequenas, funcionais, quentes e fáceis de defender — verdadeiras “casinhas”, como as nossas crianças fazem nas brincadeiras.

O covil de um cão nunca é grande. A entrada deve ser estreita, o espaço interno limitado e subterrâneo, garantindo proteção e temperatura adequada. Se quisermos construir uma toca para a cadela, devemos respeitar essas características; caso contrário, ela desprezará a obra.

Há ainda outra razão para escavar: manipular a presa. Se não puder consumi-la de imediato, o cão pode carregá-la até ao covil ou enterrá-la para recuperá-la mais tarde. É tão natural vê-lo passear com uma presa na boca como vê-lo enterrá-la.



Convivência e herança ancestral

É compreensível que os tutores se irriteem ao ver o relvado transformado em campo minado. Mas essa frustração é semelhante à da cadela que observa o dono chegar com carne fresca sem a partilhar. São as peculiaridades da convivência entre espécies.

Muitos criticam a constante comparação entre o comportamento dos cães e o dos seus parentes selvagens. A minha resposta é sempre a mesma: os nossos amigos estão connosco há apenas 16.000 anos. Acham que, nesse curto período evolutivo, esqueceram o que a Natureza lhes ensinou durante milhões de anos? Se acreditam nisso, estão enganados. Perguntem ao vosso cão e terão a resposta.

Sílvia Pereira